

RUBEM BRAGA

## PETRÓLEO

OS entreguistas já começam a soltar foguetes por causa das decisões do presidente Frondizi em matéria de petróleo. Podemos dar como certa uma nova ofensiva contra a Petrobrás, baseada no «exemplo argentino». Ofensiva que aliás já começou nos bastidores.

Ninguém pode, honestamente, avaliar por enquanto a política de Frondizi, pois os jornais trazem apenas um resumo de seu discurso. É preciso notar, porém, que desse resumo consta sua declaração expressa de que não haverá concessões. Apenas serão respeitadas as existentes — que, de resto, são antigas e exploram geralmente campos quase esgotados. Nada parecido, portanto, com a fabulosa concessão feita por Perón e que o Congresso não chegou a aprovar. O fato de serem firmados grandes contratos de serviços e fornecimentos não importa em enfraquecer a posição da YPF, que, pelo contrário, será reforçada.

É preciso levar em conta ainda que o problema argentino é muito diferente do nosso. Aqui, até hoje, só sabemos com certeza que temos petróleo economicamente explorável no Recôncavo Baiano; a Amazônia, Alagoas, tudo mais por enquanto é simples esperança. A Argentina tem, desde o sul até a fronteira da Bolívia, desde o mar até os contrafortes dos Andes, jazidas em plena produção. As suas reservas comprovadas — não digo prováveis, digo comprovadas por perfurações efetuadas — já poderiam suprir todo o consumo do país, ou quase todo, se houvesse transporte. Em Campos Durán e Madrejones vi poços de alto rendimento fechados, à espera da construção do oleoduto. Ali o petróleo é encontrado pela altura dos 4.200 metros (as sondas são de um tipo que a Petrobrás não possui, podem furar até 5.000 metros) mas o rendimento de cada poço é excelente; um deles permitirá a extração diária de 650 metros cúbicos de petróleo e 800.000 metros cúbicos de gás natural; outro, que visitei, pode produzir 670 metros cúbicos de óleo e 730.000 de gás. Prevê-se, sem qualquer exagero, que só essa zona (onde trabalham no momento duas comissões geofísicas e seis equipes perfuradoras) poderá dar uma produção equivalente a 12.000 metros cúbicos de petróleo, incluindo nisso o gás em sua equivalência energética.

Naturalmente os argentinos continuam a pesquisar petróleo, mas o problema principal deles é o transporte. O risco de qualquer negócio de petróleo é muito pequeno lá, portanto, o que facilita o trato com qualquer empresa estrangeira na base de prestação de serviços ou fornecimento de material.

Anotemos ainda, à espera de maiores informações, que Frondizi não teve medo de negociar com a Rússia, nem para isso pediu licença a ninguém. Se o negócio dará certo ou não, é cedo para dizer, mas de saída se trata de fornecimentos no valor de um milhão de dólares.

O «exemplo argentino» nos poderá, certamente, ser muito útil, mas não para servir de arma ao entreguismo.